

INFLUÊNCIAS DOS BLOQUEIOS CORPORAIS NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

**Ana Paula Romero Bacri
Maria Veranilda Soares Mota**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação existente entre a sensação de medo vivenciada pelas crianças nas atividades escolares, com sua influência no processo de respiração e conseqüente formação de couraça muscular, a qual interfere nos processos de aprendizagem, podendo inclusive inibi-los. Para tal utiliza-se como abordagem metodológica a pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico as obras de Wilhelm Reich, apropriando-se de seus conceitos de couraça muscular e bloqueios energéticos, bem como suas contribuições para a educação. É feita uma análise das mudanças fisiológicas provocadas pelo medo, as quais refletem em movimentos respiratórios típicos e repetitivos, tal padrão motos condiciona o enrijecimento da musculatura da parte do corpo envolvida a qual culmina a longo prazo na formação da couraça muscular. A couraça muscular é um mecanismo de defesa contra as frustrações sofridas sejam elas internas ou externas, neste estudo interessa os mecanismos externos formadores de couraça, vivenciados nos espaços escolares, mais especificamente na relação aluno-professor. Este estudo é importante, pois auxiliará aos educadores a compreenderem a sua influencia na formação de couraça em seus alunos, oportunizando um momento de refletirem sobre suas práticas pedagógicas e perceberem-se como primeiros socorristas de educação, podendo atuarem de maneira efetiva para um desencourçar ou a não formação de novas couraças.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Considerando a modificação na estrutura sócio-familiar de nossa sociedade, onde os pais precisam trabalhar para conseguirem uma renda mínima capaz de atender as necessidades de seus dependentes, e conseqüentemente se vêem obrigados a deixar suas crianças a cargo de terceiros (hoteizinhos, creches, maternais, etc).

Esse contexto conduz a uma mudança na realidade de vida de nossas crianças, as quais são levadas à escola ou instituições educacionais cada vez mais jovens, e submetidas ao peso da responsabilidade com horários, datas, prazos, critérios externos de avaliação. Isto significa que gradativamente, as brincadeiras vão cedendo espaço para as avaliações; os jogos infantis às competições; o riso espontâneo às ruguinhas de preocupação e ansiedade, e ainda, a

substituição do movimento pela imobilidade na cadeira da escola e limites físicos bem definidos da área escolar.

Dentro dessa nova organização social ficou para o professor a tarefa de conduzir a orientação escolar e formativa do indivíduo, a fim de torná-lo um cidadão crítico, consciencioso, ético, autônomo, criativo, dinâmico e inovador. O educador se vê responsável por cerca de 30 a 40 crianças, por turno de trabalho, tem dificuldade de gravar o nome de seus alunos. Os mais levados, que infringem, constantemente, as regras são os primeiros a serem conhecidos, os mais quietos e obedientes podem passar despercebidos por todo o ano escolar. Assim, a fim de conseguir a atenção de todos os alunos ao mesmo tempo, o professor é forçado a instituir regras internas de sala de aula, normas rigorosas de disciplina, algumas delas com ameaças subentendidas.

É de consenso no campo educacional que as normas precisam existir, são necessárias para o desenvolvimento realizado no convívio com o outro. Nesta linha de pensamento pedagógico, pautado por um construir do “ser humano” num processo de convívio com o outro e enquanto ser social que o é, onde se aceita como premissa o fato de que os alunos constroem seu conhecimento na dinâmica de suas inter-relações, ou seja, no diálogo com seus colegas de classe, com seus professores, com os funcionários da escola, e até com pessoas externas ao ambiente escolar, é necessário uma brecha na relação pedagógica a qual permita a expressão do discente e diálogo entre os atores do processo de aprendizagem, fato este impossível dentro de uma atmosfera de alto rigor disciplinar.

Para que um diálogo ocorra é importante saber o que seu interlocutor pensa, sabe, gosta, deseja e tem disponibilidade e instrumentalidade para realizar, caso contrário, os anseios e posicionamentos de um acabarão prevalecendo sobre o outro, e haverá a produção do oprimido e do opressor em um espaço dito democrático. Neste sentido, percebemos o problema não nas regras, mas sim em seu uso, afinal, quando o aluno é, em nome do cumprimento das normas, cerceado na sua capacidade de se expressar de forma espontânea e com isso não consegue divulgar aos seus pares suas opiniões, então esta normalização de conduta social tem como finalidade única o controle e a domesticação de corpos e mentes. Os procedimentos orientados pela lógica do controle rígido, não comungam com o ideal de educação atual, o qual pretende formar indivíduos autônomos e livres. As normas, os rigores do cumprimento e estabelecimento da disciplina não podem sufocar, constranger ou amedrontar a criança, devem organizar a convivência, ser um ponto de aprendizado quando se estabelece como garantia de que todos os envolvidos possam manifestar suas opiniões, serem vistos e ouvidos.

Em vista desta apresentação inicial fica claro que em nosso entendimento as normas e os procedimentos escolhidos pelo professor, na execução de suas práticas educacionais e trato nas suas relações com seus alunos, não devem funcionar como castradores e bloqueadores de

aprendizagem, e muito menos, como “oficinas da ordem social burguesa, destinada à fabricação de pessoas ajuizadas e obedientes” (VOLPI, 2000).

APRENDENDO A FUGIR E SE PROTEGER DO MUNDO

Inicialmente, devemos considerar que, como afirmava Reich, “o sofrimento humano,...., se deve... a situações causadas pelos efeitos desastrosos de um certo tipo de **educação**¹, pelas condições sociais, econômicas e culturais sobre o aspecto biopsíquico de cada indivíduo desde a vida intra-uterina...” (NAVARRO, 1995). Assim sendo, somos reflexos daquilo que vivemos, e sendo o processo de formação educacional, algo tão marcante na vida de qualquer pessoa, devemos considerá-lo, também, como formador de personalidade, em termos reichianos, de caracterialidade².

Conceitualmente caracterialidade relaciona-se à formação de caráter da criança, no transcorrer de suas etapas de desenvolvimento, numa relação entre o nível de frustração que tem a criança, a intensidade dessa frustração e o nível da pulsão frustrada (desejo interno). Tal caracterialidade estará praticamente formada por volta dos 8 ou 9 anos, segundo Navarro (1995).

É importante lembrar que, atualmente, as crianças têm sido levadas a instituições cuidadoras e/ou escolares (hoteizinhos, creches, escolas infantis – maternal, jardim I e II e Pré I e II), muito jovens, algumas com meses de idade. Nesta nova organização de vida elas precisam adaptar-se às mudanças e condicionamentos definidos de modo genérico para todas as crianças do local, não atendendo às suas necessidades e/ou expectativas singulares, particularizadas. Situações como esta levam a experimentações, precoces, de frustrações consideráveis, e algumas vezes desnecessárias e, ainda, difíceis de serem organizadas internamente. Neste momento começa o estabelecimento de coraças musculares³.

Reich explica que a formação de coraças muscular ocorre em situações de frustração, onde há a experiência de desprazer e conseqüente hipertonia muscular. Assim sendo, para se livrar da sensação de desprazer a criança construirá respostas corporais específicas, típicas e padronizadas, portanto, tal comportamento–resposta irá se repetir em circunstâncias que desemboque em experimentação do desprazer gerado nessa primeira e forte frustração. “A coraça só permite a repetição continuada de ações padronizadas, que sempre se repetem, não deixando nenhum espaço para o ‘estar-junto’, que está relacionado com a situação e com a ligação”. (NEIDHOEFER, 1994). O que nos leva a compreender o afastamento e alienamento de

¹ Grifo nosso.

² Mota (1999), define o caráter como “uma coraça, uma blindagem defensiva que restringe a mobilidade psíquica da personalidade total”.

³ Reich (2001) apresenta a formação da coraça muscular “como o resultado de choque entre as exigências pulsionais e o mundo externo que frustra essas exigências”. A coraça muscular pode ser entendida como “o movimento ondulatório

algumas crianças às situações vivenciadas em sala de aula, de alguma forma tais ocasiões representam para elas ameaças de desprazer, como não conseguem lidar de maneira natural com essas emoções e as reações orgânicas processadas, então sua defesa é a de se esconder por sob a capa da couraça muscular. A defesa é caracterial.

Tomemos, então, como ponto de partida a relação do professor com seu aluno, sendo ela uma das referências significativas na construção desse indivíduo, e influenciadora de seu comportamento e suas capacidade de interações sociais durante a sua vida. A comunicação estabelecida entre professor e aluno perpassa por um contrato não verbal onde o uso da palavra, gestos, olhares, sorrisos e franzir de testa revelam as mensagens e ordens a serem executadas e/ou apreendidas, seja pelo aluno ou o professor. Ambos são agentes decodificadores do implícito, do pretendido. Neste sentido, percebemos que a relação professor-aluno é dialética envolvendo em seu processo os sistemas neurovegetativos e musculares, isso está de acordo com Navarro (1995) que diz: “a reação do ser vivo é sempre uma reação neurovegetativa e muscular”.

Para que o processo de finalização da caracterialidade potencialize as características transformadoras do indivíduo, exige-se, principalmente, por parte do professor uma capacidade de manter um perfeito equilíbrio entre a autoridade necessária para sua atuação e a fragilidade do momento formativo em que o aluno se encontra, pois caso se configure um excessivo autoritarismo, então a criança submetida a constantes momentos de repressão irá se encourçar na dinâmica de suas relações estudantis, pois cada repressão provoca uma reação muscular específica, com a repetição constante desse evento os músculos tornem-se permanentemente tensos e esse conjunto de músculos representa um nó bloqueador da energia corporal da criança. A cada nó muscular corresponde uma série de disfunções orgânicas e emocionais, as quais se tornam presentes e manifestas sempre que a pessoa deve lidar com a experiência de usar essa musculatura tencionada.

Isso nos leva a perceber que ao construir sua couraça muscular, a criança conseguirá se defender emocionalmente de situações que lhe soam e ressoam como agressivas, porém tal sistema a impedirá de participar ativa e criativamente das atividades educacionais propostas para o desenvolvimento de suas competências e habilidades. Afinal, “... a couraça tem função dupla, de proteção contra o exterior e contra o interior” (NEIDHOEFER, 1994). Mesmo a criança desejando não conseguirá vencer esse bloqueio e expressar-se, será para ela mais fácil permanecer quieta e imóvel em seu lugar realizando as tarefas mais operacionais, como a cópia de um texto, “a frustração e o medo da punição nessa etapa tolhe a espontaneidade da criança, deixa-a numa situação de submissão... e confinada às rotinas diárias de seu cotidiano”. (VOLPI, 2002)

Das situações frustrantes a que o aluno está suscetível, as mais cruéis, e também, as mais difíceis de serem anuladas, “são as implícitas, não verbais, que vão sendo gradualmente impostas a cada estágio do desenvolvimento” (BAKER, 1980). O afastamento, o isolamento, o deixar de lado, o não prestar a devida atenção, o desconsiderar de sua fala, de suas expressões, a negligencia são as mais cruéis armas de controle disciplinar que podem ser usadas na educação, como afirma Neidhoefer (1994), “em nossa sociedade a humilhação é a ferramenta mais eficaz, sutil e infame para intimidar e disciplinar” que existe e é freqüente o uso de exposição vexatória a que as crianças são submetidas a fim de que o professor consiga o controle de seus 30 ou 40 alunos.

Embora, a realidade de trabalho dos educadores de nosso país seja algo muito aquém de qualquer expectativa de boas condições de trabalho, em muitos casos chegam a ser histórias de igual humilhação e depreciamento total, perda de sua identidade profissional, não é admissível a perpetuação desse mal estar acadêmico, desse processo de desumanização e de automatização de seres humanos. O educador “precisa aprender a interpretar a linguagem das expressões emocionais naturais da criança e aprender a lidar com o meio social, restrito e amplo, na medida em que se opõe a essas expressões” (MOTA, 1999). Desta forma, sua atuação extrapolará os muros das escolas e estarão contribuindo para a mudança social tão desejada por gerações e gerações.

O educador pode utilizar as informações divulgadas, pelas expressões emocionais de seus alunos, para compreenderem melhor os limites e dificuldades destas crianças, e intervirem de modo construtivo, atenuando os conflitos surgidos, quando há uma discrepância entre as solicitações do professor e as respostas dadas, no aspecto de atendimento e cumprimento a tal solicitação, pelo aluno. Agindo desta forma, ou seja, ficando atento às mensagens enviadas pelas expressões corporais de seus alunos frente às situações de sala de aula, em que eles foram expostos, o educador pode trabalhar com o propósito de evitar a cronificação da couraça muscular da criança, atuando como primeiros socorristas⁴ em educação. Afinal, como afirma Volpi (2002) o “nosso corpo registra todos os acontecimentos vividos durante a nossa vida, principalmente aqueles ocorridos na primeira infância, quando as formas que encontramos para nos defender ainda são precárias. Esses acontecimentos, quando estressantes e traumáticos, muitas vezes deixam no corpo marcas profundas e irreversíveis”

Neste sentido é importante considerar que fisiologicamente as emoções são expressas externamente por intermédio de atividades somáticas (corporais) e autônomas (não possíveis de serem, totalmente, controladas pelo sistema orgânico, independem da vontade do indivíduo), como as expressões faciais, lágrimas, vocalização, ereção pilosa, enrubescimento ou palidez,

⁴ Para Reich, pais e professores, deveriam ser treinados para serem trabalhadores de primeiros socorros na educação das crianças, por serem os que com elas ficam maior parte do tempo e por período prolongado de suas vidas. Assim, a chance de se ter uma criança encorajada na sua infância se reduziriam consideravelmente.

riso, fuga ou ataque e medo. Não há nenhuma ocorrência externa que não repercute na produção de uma emoção, manifesta como movimento do corpo.

A emoção do medo e a ansiedade nos são, particularmente, interessantes, pois em um sistema educacional autoritário e tradicional, muitas são as formas de medo experimentadas pelo corpo discente. O medo, segundo Marino (1975), é o impulso para a fuga, quando com medo a pessoa apresenta palidez, boca seca e tremor. Respostas corporais, facilmente, observáveis por serem externas e repentinas. O medo da punição, do castigo, de terem seus pais sendo chamados na escola e de por essa razão não serem mais acolhidos pelos pais decepcionados, de não atenderem aos professores e, então, não serem considerados importantes, leva ao estabelecimento de padrões comportamentais específicos frente a essas situações desagradáveis. É bom ter claro que “as crianças aprendem muito cedo que as expressões faciais devem ser rigidamente controladas” (BAKER, 1980) para se verem livres das circunstâncias que as colocam em desconforto ou situações com quais, ainda, não são capazes de lidar. A função orgânica que a criança não consegue dissimular e é reveladora de bloqueio muscular é a respiração, controlada pelo músculo do diafragma. O modo como ela respira mostra ao educador atento e observador onde está o bloqueio, e o permite realizar a identificação da experiência provocadora dessa reação (de medo ou de ansiedade), e a partir daí desenvolver ações que auxiliem essa criança a não mais precisar de sua couraça para passar pelo momento frustrante, e, ainda, a ajude a despertar sua capacidade auto-reguladora⁵ para essas situações.

A manifestação emocional vinculada ao funcionamento do diafragma é a ansiedade. Segundo Navarro (1995) “a ansiedade origina-se de um estímulo que atinge, principalmente, os telerreceptores e se descarrega, através do sistema nervoso neurovegetativo, nos músculos respiratórios, particularmente no diafragma, bloqueando sua funcionalidade”, é ainda em termos de comprometimento desse músculo o conhecimento de que toda a hostilidade em relação a educadores repressivos situa-se no diafragma, e os sintomas somáticos associados são normalmente, a sensação de constrição do coração, peso no estômago, tensão nas pernas, mão e bexiga, que pode ser uma alta taxa de micção (NAVARRO, 1995). Isso pode ser relacionado com as ocorrências de crianças que urinam nas calças ao se verem pressionadas por seus professores, sentem dor no estômago freqüentemente ao chegarem à escola, dores de cabeça quando não há nenhum outro fator de disfunção fisiológica que a justifique. É interessante a realização de sensores educacionais cuja finalidade seja o levantamento deste tipo de informação para ser possível realizar as correlações existentes, bem como, criar o hábito na escola de investigar mais de perto as crianças que freqüentemente queixam-se dos mesmos distúrbios

⁵ Em seu livro Criança do Futuro, Reich apresenta o princípio de auto-regulação como sendo aquele que torna a criança capaz de equilibrar as forças de suas frustrações e de suas satisfações, para nesse equilíbrio formar seu caráter e definir suas relações como o mundo e com as pessoas que o cercam.

orgânicos sem diagnóstico específico, para se certificarem de não estarem lidando com as manifestações de couraça muscular em processo de cronificação.

REFLEXÕES FINAIS

É fundamental a compreensão de que todas essas expressões corporais usadas como respostas mudas às pressões sofridas, como por exemplo, o medo e a ansiedade, para ocorrerem utilizam-se da contração dos músculos envolvidos no seu funcionamento. Quando essas reações se tornam freqüentes e, por sua vez, estes músculos ficam constantemente contraídos, dificilmente deixarão de ficarem tensos. Pensando, nas respostas orgânicas crônicas, desenvolvidas pelos alunos, para lidarem com situações como prova, encaminhamento à supervisão ou direção, suspensão, castigos, repressões verbais leves ou agudas, então verificamos que a escola é um lócus de agravamento de couraças musculares. Tal encorajamento poderá seguir com este aluno, por toda sua vida adulta, se nenhuma intervenção for feita nos anos iniciais de sua educação, onde se dá a finalização da formação do caráter dessa criança.

Segundo Baker (1980) “o processo de encorajamento se desenvolve enquanto tradução somática da repressão, envolvendo sempre grupos musculares que formam a unidade funcional”, isso reafirma que em uma educação repressora, cuja marca é o cerceamento da liberdade de expressão haverá o comprometimento do livre funcionamento de grupos musculares, com seu conseqüente desgaste de sua capacidade de expansão e contração, acabando por ficarem ou sempre tensos ou sempre relaxados.

Assim percebe-se que a forma com que o processo ensino-aprendizagem é conduzida nas unidades de ensino, sejam elas públicas ou particulares, desde que atuem com crianças de até 8 ou 9 anos, irá ser definidor da caracterialidade da pessoa. Caso essas práticas educativas sejam cerceadoras de liberdade, e castradoras da criatividade inventiva típica da primeira infância, então haverá não só a cronificação da couraça muscular responsável pela forma de caráter assumida pela criança, mas também o agravamento dos bloqueios musculares com a formação de enrijecimento de novos grupos musculares.

Como nos alerta Navarro (1995) “para que uma armadura caracterial seja tal que não exploda de forma mais ou menos repentina, deveria encontrar, no curso de sua formação, uma disponibilidade, uma flexibilidade, que permitisse uma caracterialidade ‘administrável’, uma couraça ‘administrável’”. Acreditamos que o estudo da formação de couraça muscular, definida por Reich em sua obra seja de fundamental importância na formação dos futuros profissionais da educação, assim terão a instrumentalidade necessária para realizar o trabalho de identificação e prevenção do encorajamento infantil surgidos na relação do professor com seus alunos.

BACRI, A. P.; SOARES, M. V. Influências dos bloqueios corporais na aprendizagem da criança. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

Uma educação que tenha como objetivos da prática educativa o desenvolvimento da autonomia, da criticidade, da dinamicidade e da criatividade do educando, é o alvo das atuais reformas educacionais e correntes do pensamento educacional, esta é a educação libertária. No entanto, é um contra-senso pensar a execução desta forma de educação em espaços escolares onde o cotidiano está marcado de repressões e punições. Para que tais objetivos sejam possíveis de serem alcançados é necessário o esforço conjunto dos atores envolvidos na tentativa de buscar a superação dos hábitos e vícios de profissão⁶, os quais moldam o agir do profissional da educação em procedimentos fixos e universais como se todas as crianças trouxessem o mesmo histórico de vida, passassem pelas mesmas dificuldades sociais e acadêmicas e pudessem responder de maneira equivalente e uniforme às ações impetradas na sala de aula.

=====

REFERÊNCIAS

BAKER, E.F. **O Labirinto Humano**: as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo:Summus, 1980.

MARINO, R.Jr. **Fisiologia das Emoções**: introdução à neurologia do comportamento, anatomia e funções do sistema límbico. São Paulo: Sarvier, 1975.

MOTA, M.V.S. **Princípios Reichianos Fundamentais para a Educação**: base para a formação do professor.1999.183f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP, 1999.

NAVARRO, F. **Caracterologia Pós-Reichiana**. Tradução Cibele dos Santos Coelho, revisão técnica Giovanni Gangeni. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica**: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica. Tradução de Ailton Bedani, Beatriz Sidou; Revisão de Glória Mariani. São Paulo. Summus, 1995.

NEIDHOEFER, L. **Trabalho Corporal Intuitivo**: uma abordagem reichiana. Tradução Jacqueline Bornhaussem. São Paulo: Summus, 1994.

REICH, W. **Análise do Caráter**. Tradução Ricardo Amaral do Rego, 3ª edição, 2ª tiragem.São Paulo: Martins Fontes, 2001

REICH, W. **Crianças do Futuro**. Trad. Marisol P. Terlizzi. Centro de Investigação Orgonômica Wilhelm Reich

VOLPI, J.H. **Psicoterapia Corporal**: trajeto histórico de Wilhelm Reich – Curitiba:Centro Reichiano, 2000.

VOLPI, J. H., VOLPI,S. M. **Potência Orgástica e Encouraçamento**: dois conceitos fundamentais para análise e vivências em bioenergia. In: Psicologia Corporal, vol. 2. Org. José Henrique Volpi e Sandra Mara Volpi – Curitiba: Centro Reichiano, 2002

=====

⁶ Tais hábitos e vícios representam uma forma de encouraçamento do profissional de educação, na própria definição de couraça caracteral. Uma vez que referem-se aos mecanismos desenvolvidos ao longo de sua prática, para atendimento dos diversos perfis de alunos com os quais devem lidar e o pouco tempo disponível para este atendimento. Assim, ficam protegidos atrás dos “maneirismos” e “jeitos de fazer”.

REFERÊNCIA:

9

BACRI, A. P.; SOARES, M. V. Influências dos bloqueios corporais na aprendizagem da criança. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0]

Ana Paula Romero Bacri

Cidade: Uberlândia/MG - Brasil

E-mail: anaromer@yahoo.com.br

Maria Veranilda Soares Mota

Cidade: Uberlândia/MG - Brasil

E-mail: mvsmota@ufu.br